

EM QUAIS DIAS DA SEMANA JESUS MORREU E RESSUSCITOU?

Fabricio Luís Lovato

A posição cristã tradicional afirma que Jesus morreu em uma tarde de sexta-feira, foi colocado no túmulo próximo ao pôr-do-sol, e ressuscitou antes da manhã do domingo. Porém, alguns cristãos acreditam que Jesus morreu em uma quarta-feira, véspera do sábado cerimonial da Páscoa na quinta-feira (os festivais anuais de Israel também eram chamados “sábados”, que significa “descanso”, mesmo que não caíssem no sétimo dia da semana), foi colocado no túmulo próximo ao pôr-do-sol, e ressuscitou no pôr-do-sol do sábado, setenta e duas horas depois.

Depois de considerar longamente a questão, gostaria de, ao longo desse material, apresentar evidências de por que devemos continuar com a cronologia tradicional para a última semana de Jesus.

1) Aqueles que acreditam que a crucificação de Jesus ocorreu em uma quarta-feira e a ressurreição no sábado, argumentam que de acordo com Mateus 12:38-40, Jesus deveria permanecer no túmulo por três dias e três noites exatas, perfazendo setenta e duas horas.

“Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal. Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.”

Explicam então que Jesus morreu na quarta-feira, sendo colocado no túmulo antes do pôr-do-sol, na véspera do sábado cerimonial da Páscoa (que naquele ano cairia em uma quinta-feira), ressuscitando ao pôr-do-sol do sábado. Se Jesus tivesse contudo morrido na sexta-feira, colocado no túmulo próximo ao pôr-do-sol, e ressuscitado antes da manhã de domingo, Ele não teria permanecido no túmulo o período que declarou profeticamente que ficaria.

Deve-se notar primeiramente que esse é o único versículo bíblico que fala sobre “três dias e três noites”. O Novo Testamento também afirma que a ressurreição de Cristo

ocorreria “em três dias” (Mateus 26:61, 27:40, Marcos 14:58, 15:29, João 2:19), “no terceiro dia” (Mateus 16:21, 17:23, 20:19, 27:64, Lucas 9:22, 18:33, 24:7, 24:21, 24:46, Atos 10:40, 1 Coríntios 15:4) e “depois de três dias” (Marcos 9:31, 10:34).

Mas agora perceba que, estritamente, algo que ocorre após “três dias e três noites” ocorre no *quarto*, e não no *terceiro* dia. Se algo ocorre “no terceiro dia”, é porque ainda não se passaram setenta e duas horas desde o início da contagem. Isso significa que a Bíblia está se contradizendo? De forma alguma!

Precisamos entender que a Bíblia não usa as convenções e medidas temporais de nossa época, e sim, da época e contexto em que foi escrita. Devemos notar que para os judeus: a) uma porção do dia era considerada um dia completo; e b) realizavam a chamada “contagem inclusiva”.

2) 1 Samuel 30:1 nos informa que “Davi e seus homens chegaram a Ziclague *no terceiro dia*”. Ao chegar em Ziclague, Davi encontrou um escravo egípcio de um amalequita. Ele disse a Davi: “Meu mestre me abandonou quando adoeci *há três dias*” (30:13). O relato também afirma que o egípcio não havia comido ou bebido por “*três dias e três noites*” (30:12). É certamente possível ou mesmo provável que o texto não está lidando com um período total de 72 horas.

Em Gênesis 42:17-18 “*por três dias*” é sinônimo de “*no terceiro dia*”; em 2 Crônicas 10:5, 12 “*três dias depois*” é sinônimo de “*em três dias*”; e em Ester 4:16-5:1, “*por três dias*” é sinônimo de “*no terceiro dia*”.

Se Jesus devesse permanecer no túmulo por três dias e três noites (exatas 72 horas), Sua ressurreição não teria ocorrido “*em três dias*”, nem “*no terceiro dia*”.

O rabino Eleazar ben Azariah (cerca de 100 d.C.) disse: “Um dia e uma noite fazem um ‘*onah* [um período de vinte e quatro horas], e a porção de um ‘*onah* é contada como um ‘*onah* completo.” (citado por H. L. Ellison, *The Expositor’s Bible Commentary*, v. 7, p. 375)

“No pensamento rabínico, um dia e uma noite fazem um *onah*, e uma parte de um *onah* é como o todo... Assim, de acordo com a tradição judaica, ‘três dias e três noites’ precisam de não mais que ‘três dias’ ou a combinação de qualquer parte de três dias separados.” (D. A. Carson, *The Expositor’s Bible Commentary*, v. 8, p. 296)

“Três dias e três noites era um idiomatismo judeu apropriado para um período cobrindo apenas duas noites.” (R. T. France, *Matthew, Tyndale New Testament Commentaries*, p. 213)

“Os três dias e três noites não devem ser considerados como três vezes vinte e quatro horas exatas, mas devem ser interpretados de acordo com o uso hebraico, como significando que Jonas foi vomitado novamente no terceiro dia depois de ter sido engolido.” (C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament*, v. 10, p. 398)

3) Os judeus realizam um método de contagem do tempo inclusiva, isto é, o começo é contado como o primeiro dia. Gênesis 17:12 especifica para a circuncisão “*aquele que tem oito dias*”. Mas Lucas 1:59 fala do “*oitavo dia*” e Lucas 2:21 usa ainda outra expressão: “*Quando foram cumpridos oito dias*”.

Na celebração de Pentecostes, comemorada 50 dias após a Páscoa, o 50º dia ocorre na verdade 49 dias após a Páscoa. Quando João disse “*depois de oito dias*” (João 20:26, ARA), ele estava se referindo a “*uma semana depois*” (João 20:26, NVI).

“Na vida comunal judaica, uma parte de um dia é às vezes considerada como um dia; por exemplo, o dia do funeral, mesmo quando acontece no final da tarde, é contado como o primeiro dos sete dias de luto; um curto período de tempo do sétimo dia é contado como o sétimo dia; a circuncisão ocorre no oitavo dia, mesmo que no primeiro dia restassem apenas alguns minutos após o nascimento da criança, sendo estes contados como um dia.” (*The Jewish Encyclopedia*, v. 4, p. 475)

Assim, Jesus permaneceu no túmulo uma parte da sexta-feira; todo o sábado; e uma parte do domingo, ressuscitando ao “*terceiro dia*”, conforme o Novo Testamento declara.

4) Quando Jesus Se encontra, após a Sua ressurreição, com os dois discípulos na estrada de Emaús, no primeiro dia da semana, eles afirmam que esse “*é o terceiro dia desde que tudo isso aconteceu*” (Lucas 24:21). A tarde de domingo seria o terceiro dia desde a crucificação. Se a crucificação tivesse ocorrido na quarta-feira daquela semana, a tarde de domingo teria sido o quarto ou o quinto dia, dependendo do método de

contagem. Sendo crucificado na sexta-feira, esse seria o primeiro dia de acordo com a contagem inclusiva; o sábado o segundo dia; e o domingo, o terceiro dia.

Os proponentes da crucificação de quarta-feira argumentam que o discípulo não estava contando os três dias do dia a partir da crucificação, mas sim, a partir do selamento do túmulo pelas autoridades romanas, na quinta-feira de Páscoa. Assim, a sexta-feira seria o primeiro dia; o sábado o segundo dia; e o domingo, o terceiro dia. Mas Cleopas falou especificamente sobre o julgamento de Jesus e os eventos que levaram à Sua crucificação (Lucas 24:20-21), não sobre o selamento do túmulo.

5) Os defensores da crucificação na quarta-feira e ressurreição no sábado precisam explicar por que por dezessete séculos da história da Igreja jamais se ouviu falar em tal cronologia. A referência mais antiga que possuímos vem de George Carlow, Batista do Sétimo Dia britânico, em 1724.

Por exemplo, Inácio de Antioquia (35-108 d.C.) declarou:

“Ele também ressuscitou em três dias, o Pai levantando-O; e depois de passar quarenta dias com os apóstolos, foi recebido pelo Pai e ‘assentou-se à Sua direita, esperando até que Seus inimigos sejam colocados sob Seus pés’. No dia da preparação [sexta-feira], então, na terceira hora Ele recebeu a sentença de Pilatos, o Pai permitindo que isso acontecesse; na sexta hora Ele foi crucificado; na hora nona Ele rendeu o espírito; e antes do pôr-do-sol, Ele foi enterrado. Durante o Sábado, Ele continuou sob a terra no sepulcro em que José de Arimatéia o havia colocado. No alvorecer do dia do Senhor [domingo] Ele ressuscitou dos mortos, segundo o que foi dito por Ele mesmo: ‘Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra.’ O dia da preparação [sexta-feira], então, compreende a paixão; o sábado abraça o enterro; o dia do Senhor [domingo] contém a ressurreição.” (Epístola de Inácio aos Tralianos, capítulo 9, versão longa)

Também Justino Mártir (100-165 d.C.) declara:

“Celebramos essa reunião geral no dia do sol [domingo], porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno [sábado] e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame.” (1 Apologia 67:7)

6) Os defensores da crucificação na quarta-feira e ressurreição no sábado citam algumas evidências históricas para sua proposição: a *Didascalia Apostolorum* (200 d.C.), Vitorino, bispo de Petau (250-304 d.C.), Epifânio, bispo de Salamina (367-403 d.C.) e o Livro de Adão e Eva (obra pseudepigráfica do século V d.C.). Esses autores e documentos colocam a Última Ceia na noite de terça-feira, e não na noite de quinta-feira como afirma a visão tradicional. Mas no que diz respeito à crucificação, nenhum escritor cristão primitivo nunca contestou ou duvidou de sua ocorrência na sexta-feira.

7) Os Evangelhos declaram claramente que Jesus morreu em uma sexta-feira, a qual era chamado de “dia da Preparação”.

“Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, vindo José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus.” (Marcos 15:42)

Os defensores crucificação na quarta-feira e ressurreição no sábado argumentam que o “dia da Preparação” era a véspera do sábado cerimonial da Páscoa, que poderia cair em qualquer dia do ano e naquele ano teria ocorrido na quarta-feira. Contudo, essa explicação não pode ser sustentada gramaticalmente.

“A tarde antes da Páscoa era usada como preparação, mas não era tecnicamente assim chamada. Essa frase ‘Preparação’ era realmente o nome de um dia da semana, um dia antes do sábado, nossa sexta-feira.” (A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels*, p. 283)

“...na época em que João escreveu, o termo grego *paraskeue* (‘preparação’) já era, por muito tempo, o termo técnico usado para indicar ‘sexta-feira’, o equivalente do hebraico *erebh shabbath*.” (Norval Geldenhuys, *Commentary on the Gospel of Luke, The New International Commentary on the New Testament*, p. 664)

“*Paraskeue* é uma designação técnica para sexta-feira.” (W. Moulton e W. F. Milligan, *Vocabulary of the Greek New Testament*, p. 545)

“Não há evidências que mostrem que essa palavra [‘Preparação’] era usada no tempo dos escritores dos Evangelhos para a ‘véspera’ de outros dias festivos que não o Sábado”. (Charles C. Torrey, *“In the Fourth Gospel the Last Supper was the Paschal Meal”*, *The Jewish Quarterly Review*, v. 42, n. 3, p. 241, 1952)

“O fato deve ser enfrentado de que nenhum exemplo do uso de paraskeue é citado para qualquer dia que não seja a sexta-feira.” (Leon Morris, *The Gospel According to John, The New International Commentary on the New Testament*, p. 777)

Outra evidência é o documento Didaquê (ou Ensino dos Doze Apóstolos), datado entre 70 d.C. a 120 d.C., que ordena aos cristãos que jejuem “no quarto dia e na Preparação” (8:1), referindo-se à quarta-feira e sexta-feira.

À luz das considerações acima, a expressão “*o dia da preparação da Páscoa*” encontrada no Evangelho de João (João 19:14), simplesmente significa, como a maioria dos estudiosos reconhece, a “*sexta-feira da semana da Páscoa*”, e não “*o dia da preparação PARA a Páscoa*”.

8) Alguns argumentam que Jesus morreu em uma quarta-feira como um duplo cumprimento da profecia de Daniel 9:27, segundo a qual, o Messias deveria morrer “*no meio da semana*”.

“*Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares.*”

Por exemplo, Herman L. Hoeh declarou: “Em certo sentido, esta é uma profecia dupla. Cristo morreu no meio da semana profética de sete anos, depois de três anos e meio de ministério; mas também morreu no meio da semana - quarta-feira!” (*The Crucifixion Was Not on Friday*, p. 31)

Todos os comentaristas bíblicos reconhecem que as 70 semanas da profecia de Daniel 9 dizem respeito a “semanas de anos”, totalizando um período profético de 490 anos. O termo hebraico para “semanas” diz respeito apenas à um conjunto de sete. Jesus morreu no meio da última “semana” (período de 7 anos) da profecia, após 3 anos e meio de ministério. Assim como as primeiras 69 semanas não são tomadas como possuindo

qualquer “duplo sentido” (semanas de anos e semanas de dias), não há nenhuma razão para que o façamos com a septuagésima semana.

9) Os defensores crucificação na quarta-feira e ressurreição no sábado argumentam que sua apenas a sua posição pode explicar a aparente contradição entre Lucas 23:56 e Marcos 16:1.

“Então, se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento.”

“Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamá-lo.”

Lucas afirma que as mulheres prepararam aromas antes do sábado, e Marcos afirma que as mulheres compraram aromas passado o sábado. É explicado então que naquela semana haviam dois “sábados”. Jesus teria morrido na quarta-feira, véspera do sábado cerimonial da Páscoa, na quinta-feira. As mulheres teriam preparado aromas na sexta-feira, quando já teria passado o sábado cerimonial da Páscoa (conforme Marcos), mas ainda não o sábado semanal (conforme Lucas).

Porém, tal pressuposição não é necessária. Podemos da mesma forma supor que iniciaram a preparação dos aromas na própria sexta-feira, tendo de interromper os seus serviços antes do pôr-do-sol; e só puderam completá-lo e comprar outros aromas no pôr-do-sol do dia seguinte, quando passava o sábado e iniciava o primeiro dia da semana.

John Wenham em seu livro *Easter Enigma*, no qual propõe uma harmonização sobre os relatos da ressurreição nos quatro evangelhos, propõe ainda outra explicação. Marcos e Lucas estão se referindo a grupos de mulheres distintas. Susana e Joana, que permaneceram no palácio Hasmoneano em Jerusalém após a crucificação, logo prepararam as especiarias. Maria Madalena, Salomé e a outra Maria (mulher de Clopas) permaneceram na casa de João em Jerusalém, e só puderam preparar as especiarias ao final do sábado.

10) Outro argumento é que o texto grego de Mateus 28:1 apresenta a palavra “sábados” no plural, indicando que de fato ocorreram dois sábados distintos naquela

semana (o sábado cerimonial da Páscoa, que teria ocorrido na quinta-feira após a crucificação, e o sábado semanal). Porém, esse argumento também não é conclusivo.

“O termo ‘sábado’ está frequentemente (um terço de todas as ocorrências do Novo Testamento) na forma plural no Novo Testamento, quando apenas um dia está em vista. Por exemplo, em Mateus 12:1-12, as formas singular e plural são usadas (cf. esp. v. 5).” (Harold W. Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ*, p. 69-70)

11) Uma data comumente proposta para a crucificação de Cristo é a sexta-feira 3 de abril de 33 d.C. João 2:20 afirma que a primeira Páscoa de Jesus em Seu ministério público (30 d.C.) ocorreu 46 anos depois que Herodes começou a construir o templo, o que ocorreu em 17 a.C. Jesus celebrou mais duas Páscoas (João 5:1, João 6:4). Então, a próxima Páscoa foi a da Sua crucificação.

Esta data leva em conta diversos dados bíblicos, históricos e astronômicos. Seguem alguns estudos que apontam para tal data:

a) Fotheringham, J.K. Astronomical Evidence for the Date of the Crucifixion. *The Journal of Theological Studies*, v. 1, p. 120-127, 1910.

b) Fotheringham, J.K. The Evidence of Astronomy and Technical Chronology for the Date of the Crucifixion. *The Journal of Theological Studies*, v. 138, p. 146-162, 1934.

c) Hoehner, H.W. *Chronological Aspects of the Life of Christ*, 1978.

d) Humphreys, C.J.; Waddington, W.G. The Date of the Crucifixion. *Journal of the American Scientific Affiliation*, v. 37, p. 2-10, 1985.

e) Schaefer, B.E. Lunar Visibility and the Crucifixion. *Royal Astronomical Society Quarterly Journal*, v. 31, n. 1, p. 53-67, 1990.

f) Humphreys, C.J.; Waddington, W.G. Dating the Crucifixion. *Nature*, v. 306, p. 743-746, 1983. O resumo desse artigo declara:

“A data da crucificação tem sido debatida há muitos anos, mas não houve acordo sobre o ano nem o dia. Cálculos astronômicos já foram usados para reconstruir o calendário judaico no primeiro século d.C. e para datar um eclipse lunar que referências bíblicas e outras sugerem seguir a crucificação. As evidências apontam para sexta-feira, 3 de abril de 33 d.C., como a data em que Jesus Cristo morreu.”

12) A ressurreição de Cristo deveria cumprir o simbolismo da celebração das Primícias:

“Diga o seguinte aos israelitas: Quando vocês entrarem na terra que lhes dou e fizerem colheita, tragam ao sacerdote um feixe do primeiro cereal que colherem. O sacerdote moverá ritualmente o feixe perante o Senhor para que seja aceito em favor de vocês; ele o moverá no dia seguinte ao sábado. No dia em que moverem o feixe, vocês oferecerão em holocausto ao Senhor um cordeiro de um ano de idade e sem defeito.”
(Levítico 23:10-12)

O Novo Testamento declara que Cristo ressuscitou dentre os mortos como *“primícias dos que dormem”* (1 Coríntios 15:23). Ele era o antítipo, o cumprimento profético do feixe de cereal, o qual deveria ser apresentado diante do Senhor *“no dia seguinte ao sábado”*.

Agora, sobre que *“sábado”* esse texto está falando? Se Jesus morreu em uma quarta-feira véspera do sábado cerimonial da Páscoa, para cumprir o simbolismo das primícias Ele deveria ter ressuscitado na sexta-feira, após o sábado da Páscoa. Mas Jesus morreu na sexta-feira; permaneceu o sábado do sétimo dia no túmulo; e ressurgiu dentre os mortos no primeiro dia da semana, literalmente *“no dia seguinte ao sábado”*.

13) Não é relevante para a nossa salvação nos preocuparmos com a hora, dia da semana ou ano exatos em que Jesus esteve no sepulcro. O importante é que Jesus morreu por nossos pecados e ressuscitou, para se tornar o nosso Senhor e Salvador (1 Coríntios 15:3-4).

Além disso, a ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana não afeta de modo algum o mandamento bíblico do repouso no sábado do sétimo dia (Êxodo 20:8-11), o qual não é abolido para os cristãos na Nova Aliança (Mateus 5:17-18, Romanos 3:31).

Não vemos nenhum indício no Novo Testamento de que, por causa da ressurreição de Cristo no primeiro dia, esse tenha passado a ser um novo dia santo para a Igreja.